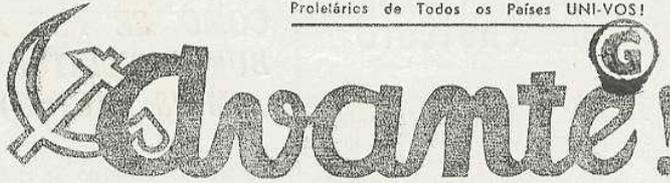


Proletários de Todos os Países UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Todos unidos pela demissão imediata de Salazar e Santos Costa!

Todos unidos pela realização de novas eleições!
Pela unificação e direcção comum de todas as acções das forças populares e patrióticas em luta contra o salazarismo, através da criação dum amplo organismo de unidade!

A unidade é o imperativo nacional do momento presente, pois só a unidade conduzirá à vitória da liberdade e da democracia!
A vitória está ao nosso alcance: para a conseguir impõe-se a unidade e a acção de todos!

Do documento da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português de 1 de Julho de 1958

NA GRANDE JORNADA NACIONAL DE PROTESTO DE 1, 2 E 3

NOVAS GREVES E MANIFESTAÇÕES CONTRA A BURLA ELEITORAL!

BOICOTE QUASE TOTAL!

A NAÇÃO EXIGE UMA MUDANÇA IMEDIATA NA POLÍTICA NACIONAL!

QUE CESSSEM AS PRISÕES E OS ASSASSINATOS DE PATRIOTAS!

QUE SALAZAR E SANTOS COSTA SEJAM DEMITIDOS!

QUE SE CONSTITUA NO PAÍS UM GOVERNO DE PORTUGUESES HONRADOS

QUE REALIZE ELEIÇÕES LIVRES E RESPEITE A VONTADE DO POVO!



As forças mais representativas da Nação, os milhões de portugueses da mais diversa formação política e condição social que se opõem a Salazar — dos quais a heroica classe operária das nossas fábricas e campos constitui o sector mais vasto e combativo — estão decididas a operar rapidamente uma mudança na política e na governação do País.

Desde que em 8 de Junho, o povo se viu traído na maior burla eleitoral do Salazarismo, não se passa um só dia sem que novos milhares de portugueses se manifestem abertamente, de uma forma ou de outra contra os verdugos e assassinos que estão à frente do governo, contra os desavergonhados falsificadores da vontade nacional, contra a continuação de Salazar e Santos Costa no Poder.

Isto significa que as massas populares tomaram nas suas mãos a iniciativa e que não se detirão até que brilhe de novo em Portugal o Sol da Liberdade.

Só os fascistas mais facciosos, os que apoiam ainda Salazar e Santos Costa e os ajudam a afogar em sangue o País, não compreendem ou não querem compreender, o carácter das transformações decisivas que se estão dando nas camadas mais profundas da Nação.

O que se passa hoje no nosso País é um movimento nacional de todo o povo, desde a classe operária à burguesia não monopolista, é uma verdadeira revolução popular de carácter pacífico, mas ao mesmo tempo poderosa, capaz de paralisar os intentos de violência e guerra civil da camarilha salazarista e de estabelecer no País um regime de concórdia nacional.

Aqueles portugueses que compreendem o sentido dos acontecimentos da hora presente, em primeiro lugar os democratas e depois todos os anti-salazaristas civis e militares, devem assumir as suas responsabilidades e dar urgentemente os passos que se impõem para a unificação e direcção única das lutas populares.

A grande jornada nacional de protesto contra a burla eleitoral e a repressão fascista que acaba de ter lugar nos dias 1, 2 e 3 últimos, foi uma potente demonstração da vontade e disposição de luta dos portugueses e um grande passo em frente para a mobilização de novas camadas do povo contra o odiado regime

de Salazar.

Nesta grande jornada os operários e camponeses tiveram mais uma vez um papel que devemos destacar.

As notícias que nos chegam de todos os pontos do País mostram que o entusiasmo popular cresce cada vez mais e se multiplicam as acções de massas das mais variadas formas por reivindicações políticas e econó-

madas pelas autoridades que os avisaram que só poderiam dar trabalho com autorização do comando da PSP e do Governo Civil e algumas empresas puseram anúncio pedindo trabalhadores. Porém, os grevistas logo que souberam disto concentraram-se à entrada das oficinas para impedir a entrada do pessoal.

No dia 2, a greve mantinha-se a-

«As lutas da classe operária, a acção legal do Movimento Nacional Independente, impugnando o resultado eleitoral e dispondo-se a continuar a luta legal pelos objectivos enunciados quando da criação do bloco eleitoral único das candidaturas do Dr. Arlindo Vicente e do Gr. Humberto Delgado, demonstram a necessidade imperiosa da criação dum direcção única de todas as acções populares e da unificação de todas as vontades que desejam lutar por uma mudança de governo e de regime!»

Do documento da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português

de 1 de Julho de 1958

micas.

Milhares de trabalhadores de Beja fizeram greve nos dias 1, 2 e 3

Depois de terem realizado diversos comícios num dos quais, em 27, participaram cerca de 500 operários industriais e agrícolas da cidade e arredores, os trabalhadores de Beja decidiram ir para a greve como protesto contra a burla eleitoral.

No dia 1, começou a greve em Beja mobilizando, principalmente, metalúrgicos e a quase totalidade dos operários da construção civil (num total de 600 trabalhadores) e nas freguesias que a cercam: Neves, Cabeça Gorda, Salvada, Boavista, Penedo Gordo, Vila Azeda, Baleizão e Quintos. Nos meios rurais a greve foi total, nem o gado foi guardado: «pela primeira vez e ao fim de 32 anos temos 3 dias de férias» diziam os pastores aos agrários.

Em Quintos e Baleizão a greve foi acompanhada de manifestações de rua onde os trabalhadores reclamaram novas eleições e a libertação dos presos políticos.

As mulheres de Beja desempenharam um papel muito activo em toda a greve incitando os trabalhadores. Uma delas foi presa e metida num «jeep» mas imediatamente o povo e principalmente as outras mulheres rodearam o carro e protestaram com tal firmeza que logo ali conseguiram a libertação da sua companheira.

Entretanto, os patrões eram cha-

pesar das medidas encetadas pelas forças repressivas para quebrar o ânimo dos grevistas, como a prisão de vários democratas e trabalhadores, a selagem das fábricas, etc.

A população recebeu a greve com nítida simpatia.

Neste dia, em consequência da PSP ter carregado sobre um grupo de 200 grevistas que estiveram concentrados durante hora e meia, o povo reagiu e um PSP, o Chinês, foi atingido com uma fígada num olho.

No dia 3 a greve mantinha-se.

A par da greve, o boicote aos jornais, ao cinema e à lotaria, assim como o luto de protesto foram massivamente seguidos.

Greves, Paralisações e Concentrações por todo o Alentejo

Por todo o Alentejo, deram-se outras greves, paralisações e manifestações de protesto.

Em Pias, a greve foi total, no dia 1. Mesmo as debulhadoras estiveram paradas todo o dia. Em Vale de Vargo, os trabalhadores voltaram a fazer greve nos dias 1 e 2 e manifestaram-se nas ruas. Em Serpa, voltaram a registar-se paralisações nos dias 1 e 2. Também em Ferreira do Alentejo houve paralisações no dia 3. Foram para a greve os trabalhadores da barragem de Montargil. Em S. Cristóvão, mais de 60 camponeses das debulhadoras paralizaram o trabalho. Em Alcórrego, nos dias 1, 2 e 3 ninguém trabalhou. Registaram-se também paralisações em Avis, Be-

javila e Escoural. Em todas estas localidades o luto de protesto foi quase totalmente seguido.

Em Aljustrel, a PIDE para impedir a greve dos mineiros, chamou alguns e ameaçou-os de prisão no caso de se dar a greve. Entretanto os mineiros reduziram a produção para 1/5 e na localidade o boicote aos jornais e cinemas foi total.

Em Montemor 2.500 pessoas no funeral de José Adelino dos Santos

No dia 26 de junho realizou-se o funeral do camarada José Adelino dos Santos. Para mais de 2.500 pessoas aguardavam a chegada do cadáver. Havia indignação, lamentações e choros. Mais de 300 praças da GNR armados de metralhadoras cercavam Montemor.

O funeral veio acompanhado desde Vendas Novas por uma caravana de dez (jeeps) da GNR, comandados pelo capitão Caldeira, de Évora. Andaram a dar voltas com o corpo para fugirem à multidão que o esperava. Mas a população rompeu os cordões da guarda que barravam o caminho do cemitério e concentrou-se neste em número superior a 1.500 pessoas. O funeral constituiu uma grande manifestação de repulsa contra os assassinos.

Mais um trabalhador de Montemor, António Farrica, foi assassinado pela PIDE, na prisão, e em Caxias estão presos mais de 240 trabalhadores daquela localidade.

No Escoural quando se soube do assassinato em Montemor, cerca de 100 trabalhadores largaram o trabalho. No dia do funeral muita gente daqui acompanhou o cadáver ao cemitério

Paralisações de 1.500 operários, em Olhão Comícios de 500 pessoas

Os trabalhadores de Olhão realizaram amplas reuniões, com vista a preparar a greve no dia 30. Com firmeza e entusiasmo os operários olhanenses dedicaram-se a este trabalho e diziam «Não pode continuar assim esta situação, é preciso ir para a greve e quanto mais cedo melhor!»

No dia 27, à tarde, realizou-se um grande comício em que participaram cerca de 500 pessoas homens e mulheres de todas as camadas sociais,



NA GRANDE JORNADA NACIONAL DE PROTESTO

principalmente comerveiros e pescadores.

Neste início a massa dos trabalhadores aplaudia com gritos e palmas de incitamentos à greve.

Depois do começo um guarda quis prender um dos trabalhadores que falara, mas um grupo de operários rodeou-o e formando uma sólida barreira à sua volta afastou-se com ele, frustrando desta forma as intenções do guarda.

Muitos cartazes e tarjetas foram distribuídos e afixados. Era já de greve o ambiente que se respirava em Olhão. Alguns industriais acompanharam com simpatia os preparativos dos trabalhadores e muitos comerciantes decidiram encerrar as portas dos seus estabelecimentos no dia 30.

Entretanto, na noite de Sábado, 28, para Domingo, começaram as prisões que em 29 de manhã já atingiam 40 pessoas. Os fascistas aterrorizados com as disposições de luta do povo de Olhão, lançaram mão de tudo e mobilizaram todo o seu aparelho. As autoridades afixaram cartazes proibindo os estabelecimentos de encerrar, o grémio enviou uma nota a todo o comércio ameaçando que os estabelecimentos seriam encerrados para sempre se fechassem as portas no dia 30. O INT telefonou para os industriais responsabilizando-os pelas faltas do pessoal e exigindo os nomes de todos os que faltassem.

Mesmo assim, não obstante as prisões continuarem e a vila estar cercada por forças da PIDE e da GNR os trabalhadores concentraram-se valentemente junto das fábricas e em número de 1.500 paralizaram o trabalho.

Em Silves 7 empresas paralizaram o trabalho

Silves, considerou o dia 30 como o seu dia de protesto contra a burla eleitoral.

Ao amanhecer a cidade encontrava-se coberta de inscrições, as paredes das fábricas e as estradas pelos campos fora. As ruas estavam punçadas de tarjetas que eram disputadas pelo povo.

Os operários de 7 empresas, não pegaram no trabalho e concentraram-se junto da Fábrica dos Ingleses. As tabernas e outros estabelecimentos mantiveram-se encerrados durante algum tempo e só abriram quando os operários retomaram o trabalho.

Em Portimão, teve também lugar uma importante luta dos pescadores que conquistaram uma boa vitória sobre os manejos dos armadores que lhe queriam impor um comércio desvantajoso.

Os pescadores decidiram que o assunto teria de ser resolvido até 1 de Junho. Alguns armadores fascistas não queriam aceder mas como os pescadores ameaçassem ir para a greve os armadores e o comandante do porto apressaram-se a dar satisfação às suas reivindicações.

Milhares de trabalhadores em greve no distrito de Santarém

Em Alpiarça, a greve foi total de 25 a 27. Paralizaram não somente os camponeses como os operários e todas as oficinas e obras. A GNR manteve ocupada toda a região fazendo provocações contra os trabalhadores. O boicote aos jornais, cinemas e aos estabelecimentos de fascistas, foi quase total. Uma grande parte da população vestiu luto.

Em Torres Novas, no dia 1, na serração de Felix Carreira paralizaram os 110 operários das 13 às 15 horas por razões reivindicativas. O Presidente da Câmara interveio e quis prender um operário mas todos

os outros afirmaram que continuariam a greve se ele mantivesse a prisão, conseguindo assim a liberdade do seu companheiro. A paralização terminou com a vitória das reivindicações apresentadas. Noutra oficina de serração realizou-se também uma paralização total de um quarto de hora. Também numa fábrica de penteação de lã se registaram paralizações parciais.

No Couço, continua a respirar-se um ambiente de greve. A aldeia está ocupada por cerca de 400 praças da GNR. As prisões continuam. No dia 27, mandaram para Lisboa uma camionete com presos. Os trabalhadores que se recusam a ir trabalhar são brutalmente espancados pela GNR, e alguns presos.

Greve dos operários das pedreiras de Cascais

Em 3 pedreiras da região de Cascais houve greve total no dia 1. Duas outras paralizaram toda a tarde e mais duas estiveram paralizadas até às 10 da manhã. Em todas as localidades da linha de Cascais uma grande parte da população vestiu luto e o boicote aos jornais e cinemas foi quase total.

Várias obras, da Amadora paralizaram igualmente no dia 1 sendo também muito seguido aqui o boicote aos transportes colectivos aos jornais e às casas de espectáculo.

Grande jornada de boicote em Lisboa

Em Lisboa, o boicote aos transportes colectivos, à compra dos jornais, aos cinemas e outros espectáculos foi seguido por milhares e milhares de habitantes de toda a região.

A PIDE e a GNR ocuparam em força algumas empresas e zonas da cidade e em alguns pontos carregaram sobre os trabalhadores.

Na zona oriental até às 20 horas concentraram-se centenas de trabalhadores no Largo do Poço do Bispo mas a GNR e a PSP dispersaram à força a concentração. No dia 3, depois de uma nova concentração um grande número de populares desfilou até Xabregas onde se juntaram a muitos outros trabalhadores desta zona da cidade, dirigindo-se para a baía. Nesta zona e na zona ocidental foi muito sensível a boicotagem aos transportes públicos.

Na fábrica de Material de Guerra na fábrica dos Sabões, os portuários os empregados bancários, de Seguros e de escritório, na Carris, na CP e em muitas outras empresas e repartições públicas quase toda a gente se apresentou de gravata preta e outro sinais de luto. Na fábrica de Sabões os operários fizeram um minuto de silêncio em homenagem às vítimas do terror fascista. O boicote aos transportes foi de tal maneira que os salazaristas montaram no Palácio dos Desportos uma banda para distribuição de dinheiro aos legionários e suas famílias para que viajassem nos eléctricos. A lotaria teve uma venda infimo e os espectáculos estiveram quase desertos.

No dia 2, durante um festival organizado pelos fascistas com as marchas de Lisboa, no Campo do Benfica, este encontrava-se às moscas.

Nos arredores de Lisboa, nos Concelhos de Vila Franca, Loures e Sintra muita gente pôs luto e boicoteou os transportes e espectáculos. A venda dos jornais foi quase nula.

O festival, no campo do Sporting, em Alvalade, em que os fascistas depositavam grandes esperanças como uma forma de quebrar o boicote, redundou num verdadeiro fracasso. A grande artista popular Amália Rodrigues foi levada à força num carro

da PIDE para o Campo por ordem expressa da Presidência do Conselho.

Noutros pontos do País, houve igualmente vastas acções de boicote e de protesto contra a burla eleitoral.

O balanço destas grandes lutas populares, em que participaram lado a lado os trabalhadores e empregados, os intelectuais, comerciantes e outras pessoas das classes médias assim como muitos representantes do patronato, é francamente positivo e rico de experiências.

A envergadura das lutas desfez já o mito salazarista acerca da aceitação da falsificação das eleições, pelo povo. Cerca de 60.000 trabalhadores de mais de 150 fábricas, empresas, estabelecimentos e explorações agrícolas, paralizaram o trabalho e em muitos casos lançaram-se em manifestações de rua.

Tudo o povo deve colher a rica experiência destas lutas e aprender com ela, isso nos ajudará a impulsionar novas acções contra o salazarismo e apressarão a expulsão do governo de Salazar e Santos Costa. A camarilha governante tem sido impotente para deter o movimento grevista e sufocar a indignação dos portugueses, impõe-se continuar a luta por todas as formas.

Para a frente, por novas jornadas de protesto contra a burla eleitoral.

Contra os assassinatos e torturas dos patriotas! Pela libertação imediata de milhares de homens e mulheres que se encontram amassados nas prisões da PIDE!

Continuemos as acções de resistência contra o governo e a repressão, paralizando o trabalho, fazendo manifestações nas ruas e nos locais públicos impedindo a prisão de patriotas, exigindo a demissão de Salazar e Santos Costa!

Lutemos pela elevação dos salários e do nível de vida e orientemos esta luta contra a política ruinosa do salazarismo!

Lutemos todos os dias, desde as formas mais simples até às manifestações de rua e à greve e a vitória pertencerá ao povo.

COMO SE FEZ A BURLA ELEITORAL (MAIS FACTOS)

— No dia 7, dois jovens que transportavam votos do Gr. H. Delgado foram abordados por um agente da PIDE que de mão no bolso apertando sempre uma pistola, os forçou a meterem-se num taxi, entregarem-lhe os votos e responderem a um curto interrogatório.

— O industrial Feteira, de Vieira de Leiria, reuniu os seus operários na praia e intimou-os a votar no Tomaz sob pena de despedimento.

O industrial Gelo, da Marinha Grande, intimou os operários a comparecerem na fábrica no dia das eleições e acompanhou os 25 que apareceram a votar no Tomaz.

— Em Sto. Estevão e na Mouraria os «imparciais» presidentes das mesas, abriram os votos e insultavam as pessoas que votavam no Gr. H. Delgado. Em Sto. Estevão queimaram mais de 600 votos deste candidato.

— No Lumiar, o presidente da mesa, Hermínio Soares, árbitro internacional, não permitiu a fiscalização e procurava ver os votos à transparência. Fez grossa chapelada.

Na 4.ª secção do Campo Grande (Lisboa) vários Pides ameaçaram as pessoas que procuravam fiscalizar as eleições, dizendo que se refirmassem «senão iam a murro ou então levavam um tiro». Na contagem dos votos quando o número a favor do Gr. H. Delgado começou a subir em relação ao outro candidato um dos Pides tomou conta da contagem passando só a registar votos para o alm. Tomaz. Apesar de desmascarada a sua burla esta foi levada até ao fim.

— Em São Tiago (Aveiro), o marido da toureira Conchita Citron, D. Francisco Castelo Branco, na própria assembleia de voto, pediu as listas dos trabalhadores e se eram do general Delgado, rasgava-as e substituí-as pelas do candidato fascista.

— Na fábrica de Porcelanas de Coimbra, chamaram os operários e disseram-lhes que quem votasse no Gr. Delgado seria despedida e que a gerência tinha possibilidades de saber em quem votavam.

PARA OS MIL CONTOS

Transporte:	232.587.90	"	787	22 00	Para os mil	130 00
À memória do	"	"	1042	20 00	contos (X)	5.00
cam. Petu	"	"	1353	20 00	Parte de 2	
leite	60.00	"	1494	100.00	cupons	5.00
Alenteja-	"	"	1846	20 00	Pela legalida-	
nos emi-	"	"	1927	40 00	de do P.	300 00
gos	230 00	"	1937	10 00	P. liberdade	
Idem	195 00	"	1942	100.00	do Partido	500 00
Amigo do P.	20 00	"	1959	100.00	Pela firmeza	
Ami. do Pro-	100 00	"	3937	10 00	na PIDE	5 00
gresso (S)	"	"	3960	3965 60.00	Pela Paz	25 00
Ami. da liber-	25 00	"	5002	500 00	Idem	50 00
dade	"	"	Criança	2 50	P. realização	
Amigos da Pa-	50 00	"	Eleições li-	25 00	do Programa	
lris	"	"	vres		do Partido	100 00
Amnistia aos	50 00	"	Esperança no	100 00	Pelo aniversário	
presos	"	"	futuro	100 00	de Lenin	50 00
Anastios por	350 00	"	Fonles	100 00	Pelo progresso	
liberdade	"	"	Idem	20 00	do P. «S»	50 00
«Avante»	15 00	"	Idem	40 00	Pelo	50 00
«Avante»	3 50	"	Frete demo.	100 00	Por direcções	
Avante Cama-	100 00	"	G. Vidigal	120 00	rádios nos	
radados	"	"	Georgele Fer-	11 50	sindicatos	100 00
Avante coré-	16 00	"	reire		Por eleições	
micos	"	"	Heróicos cam-	10 00	livres	10 00
Comarada	330 00	"	poneses	20 00	Principio do	
cienteiano	"	"	Iguels direitos	10 00	fim	200 00
Companha	100 00	"	J. Pires Jorge	50 00	Prós mil	110 00
(Goa)	"	"	João Arrobas	20 00	Reforçamos a	
Idem em	20 00	"	Luika	90 00	org. do P.	80 00
marcha	"	"	Lénine B	231 00	Rosa Verme-	
Carlos Costa	50 00	"	Libertação		lhu	550 00
Calabria	"	"	Georgele (X)	15 00	Idem	60 00
Eufémia	55 00	"	Lular sem		Rosas ver.	50 00
Chenar pes-	24 00	"	descançar	85 00	Sangue ver.	20 50
soes ao Par-	"	"	Mulheres ver-	30 00	Idem	62 60
ido	50 00	"	meilhas		Sapateiro	
Coupon (G)	270 00	"	Operários mar-		comunista	200 00
Coupons	345 00	"	gem Sul do	2 095 00	Saudoso Bento	
Idem	566 500 00	"	Tejo		Conçalves	178 00
Coupon 566	500 00	"	O novo ven-	30 00	Idem	132 00
"	570 400 00	"	cerá		Socialismo	
"	558 500 00	"	Outro camar.	30 00	int. (A)	35 00
"	593 70 00	"	Para o êxito da		Sputnik II	
		"	campanha	150 00	(G)	220 00
					Total	246.707.00